

LIÇÃO 17 - O Papel da Natureza e da Substância no Sentido de Essência como Princípio e Causa

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 17: 1041a 6-1041b 33

“ 682. Mas declaremos o que e que tipo de coisa é necessário dizer que a substância é, como se estivéssemos recomeçando; pois talvez a partir destas coisas chegaremos a uma compreensão daquele tipo de substância que é separada das substâncias sensíveis. Portanto, visto que a substância é um princípio e uma causa, prossigamos a partir deste ponto de partida.

683. Ora, o porquê de uma coisa é sempre investigado da seguinte maneira: por que uma coisa pertence a outra? Pois perguntar por que um homem musical é um homem musical, ou é perguntar (como foi dito) por que o homem é musical, ou perguntar sobre outra coisa. Portanto, perguntar por que uma coisa é ela mesma não é fazer nenhuma investigação; pois tanto o fato de que uma coisa é tal quanto sua existência devem ser evidentes desde o início; e quero dizer, por exemplo, que a lua sofre um eclipse. E no caso de todas as coisas, há uma razão e uma causa para o fato de que uma coisa é ela mesma, por exemplo, por que um homem é um homem, ou por que o musical é musical — a menos que alguém dissesse que cada coisa é indivisível em relação a si mesma. Mas isso é o que realmente significa ser uno. No entanto, isso é comum a todas as coisas e é pequeno. Mas alguém poderia perguntar: "Por que o homem é um animal tal e tal?" Isto, então, é evidente: que ele não está perguntando por que aquele que é homem é homem. Portanto, pergunta-se por que algo é predicado de outra coisa; pois se não fosse assim, a investigação seria sobre nada, por exemplo, "Por que troveja?" A resposta é: "porque o som é produzido nas nuvens." Pois o que está sendo investigado é uma coisa como predicada desta maneira de outra coisa. E "Por que estas coisas", por exemplo, tijolos e pedras, "são uma casa?" É evidente, então, que ele está perguntando sobre a causa. E isto — falando

logicamente — é a quiddidade. Ora, em alguns casos isto é aquilo para o qual uma coisa existe [seu fim ou objetivo], como, digamos, no caso de uma casa ou de uma cama. Mas em outros casos é a coisa que primeiro as move, pois esta também é uma causa. Tal causa é buscada no processo de geração e corrupção, enquanto a outra também é buscada no caso do ser.

684. Ora, o objeto de nossa investigação é mais obscuro nos casos que concernem a coisas não predicadas de outras, como quando perguntamos o que é o homem; porque um único termo é usado e não é dito definitivamente que ele é isto ou aquilo.

685. Mas, ao tratar desta questão, é preciso fazer correções; pois, se isso não for feito, acontecerá que perguntar algo e perguntar nada terão algo em comum. Mas, como é necessário supor que a coisa existe, é claro que a questão é por que a matéria é tal e tal, por exemplo, por que estes materiais são uma casa? Porque são estes que constituem o ser de uma casa. E por que este indivíduo é um homem? Ou por que uma coisa que tem um corpo tal e tal é um homem? Portanto, o que se busca é a causa da matéria, e este é o princípio especificador pelo qual algo existe; e isto é a substância.

686. Assim, é evidente que não há investigação ou ensino quanto às coisas simples, mas que há um método diferente para investigar tais coisas.

687. Agora, uma vez que aquilo que é composto é composto de algo de tal modo que o todo é um, não como um monte de coisas, mas como uma sílaba é, uma sílaba não é o mesmo que suas letras, i.e., ba não é o mesmo que as letras b e a; nem a carne é o mesmo que o fogo; pois, quando estas são dissociadas, elas não existem mais, por exemplo, a carne e coisas semelhantes; mas os elementos existem, e o fogo e a terra existem. Logo, uma sílaba é uma coisa determinada, e não meramente os elementos da fala, como a vogal e a consoante, mas algo mais também. E a carne não é meramente fogo e terra, ou o quente e o frio, mas algo mais também.

688. Portanto, se algo deve ser ou um elemento ou composto de elementos, então, se é um elemento, o mesmo argumento se aplicará novamente; pois a carne consistirá nisto e em fogo e terra e algo mais além, de modo que haverá um regresso ao infinito. Mas, se é composto de elementos, é evidente que não é composto de um (senão seria aquela própria coisa), mas de muitos. Logo, usamos o mesmo argumento neste caso como fizemos no caso de uma sílaba ou da carne.

689. Agora, pareceria que este algo mais existe, e que é um elemento e a causa do ser, i.e., que é a causa de isto ser carne e de isto ser uma sílaba; e é semelhante em outros casos. Mas este elemento é a substância de cada coisa e a primeira causa do ser.

690. *E, visto que certas coisas não são substâncias, embora todas aquelas que são segundo a natureza e são constituídas pela natureza sejam substâncias, é evidente que, em alguns casos, esta substância é uma natureza que não é um elemento, mas um princípio. Ora, um elemento é algo no qual uma coisa é dividida e que é intrínseco como matéria; por exemplo, a e b são os elementos de uma sílaba.*

COMENTÁRIO

1648. No início deste sétimo livro, o Filósofo prometera tratar da substância das coisas sensíveis no sentido de sua essência, que ele explicou do ponto de vista lógico, mostrando que os atributos predicados essencialmente pertencem à quiddidade de uma coisa, uma vez que ainda não estava claro o que constitui a substância no sentido de essência. Ora, os platônicos diziam que esta substância são os universais, que são Formas separadas. Mas esta doutrina Aristóteles a rejeitou imediatamente acima. Portanto, restava-lhe mostrar o que a substância no sentido de essência realmente é. E, para fazer isso, ele também estabelece como premissa que a substância no sentido de essência tem o caráter de um princípio e causa. Este é o propósito deste capítulo.

Por isso, divide-se em duas partes. Na primeira (691:C 1648), ele explica qual é seu objetivo. Na segunda (683:C 1649), ele procede a realizar seu objetivo (“Agora, o porquê”).

Ele diz, então, primeiro (682), que, uma vez que foi mostrado que nenhum predicado universal é uma substância, como os platônicos alegavam, vamos afirmar qual é a verdade real sobre a substância, a saber, aquilo que é a essência, “e que tipo de coisa” é esta substância, i.e., se é forma ou matéria ou algo deste tipo. Ele diz “Vamos afirmar isto”, como se estivéssemos introduzindo ou anunciando um ponto de partida diferente do dialético com o qual começamos no início deste sétimo livro para investigar a substância acima mencionada; pois, talvez, a partir das coisas que serão ditas sobre as quiddidades das substâncias sensíveis, também será possível entender aquele tipo de substância que é separada das substâncias sensíveis. Pois, embora as substâncias separadas não sejam da mesma espécie que as sensíveis, como os platônicos alegavam, ainda assim o conhecimento destas substâncias sensíveis é o caminho pelo qual chegamos ao conhecimento daquelas substâncias separadas. E ele acrescenta qual é aquele outro ponto de partida a partir do qual se deve entrar na investigação proposta. Ele diz que se deve proceder a partir deste ponto de partida para mostrar o que é o tipo acima mencionado de substância, de modo que possamos entender que na própria substância há um princípio e causa.

1649. Agora, o porquê (683).

Aqui ele mostra que a substância no sentido de essência é um princípio e causa; e, quanto a isso, faz duas coisas. Primeiro (683), mostra que ela é um princípio e causa. Segundo (687:C 1672), mostra que tipo de princípio ela é (“Agora, visto que o que”).

Quanto ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, explica seu objetivo. Segundo (684:C 1662), rejeita uma interpretação que poderia parecer oposta ao argumento que ele deu (“Agora, o objeto”).

O ponto de seu argumento é o seguinte: o que quer que seja tal que não se pergunta por que é, mas é aquilo ao qual as outras coisas sob investigação são reduzidas, deve ser um princípio e causa; pois a questão “por que” é uma questão sobre uma causa. Mas a substância no sentido de essência é uma coisa deste tipo; pois não se pergunta por que o homem é homem, mas por que o homem é outra coisa; e é o mesmo em outros casos. Portanto, a substância de uma coisa no sentido de sua essência é um princípio e causa.

1650. Por isso, ele diz, primeiro (683), que “o porquê de uma coisa é sempre investigado da seguinte maneira”, i.e., usamos a questão “por que” quando perguntamos por que uma coisa pertence a outra, e não por que uma coisa é ela mesma. “Pois perguntar por que um homem musical é um homem musical é ou perguntar (como foi dito) por que o homem é musical, ou perguntar sobre outra coisa.” Isto equivale a dizer que, quando perguntamos por que um homem musical é um homem musical, esta questão pode ser interpretada de duas maneiras: primeiro, que a coisa que foi afirmada e posta está sob investigação, i.e., a coisa sendo investigada, a saber, o todo, homem musical, é perguntada sobre o todo, homem musical. Segundo, que uma coisa é perguntada sobre outra; i.e., sobre um homem que é musical, o que se pergunta não é por que ele é um homem, mas por que ele é musical.

1651. E ele imediatamente rejeita a primeira interpretação, dizendo que perguntar por que uma coisa é ela mesma, por exemplo, por que o homem é homem, não é fazer nenhuma investigação; pois toda vez que fazemos a pergunta “por que”, deve haver algo que é evidente e algo que não é evidente e precisa ser investigado. Pois há quatro questões que podem ser feitas, como é dito no Livro 11 dos *Segundos Analíticos*, a saber: (i) “Existe?”, (ii) “O que é?”, (iii) “É um fato que é tal?” e (iv) “Por que é tal?”. Ora, duas dessas questões, a saber, “O que é?” e “Por que é tal?”, basicamente coincidem, como é provado nessa obra. E assim como a questão “O que é?” está relacionada à questão “Existe?”, também a questão “Por que é tal?” está relacionada à questão “É um fato que é tal?”. Portanto, quando se pergunta “por que”, esses dois pontos devem ser evidentes; pois, na medida em que a questão “Por que é tal?” incide sobre o mesmo ponto que a questão “O que é?”, o fato da existência da coisa deve ser evidente. E na medida em que a questão “Por que é tal?” se distingue da questão “O que é?”, o fato de que ela é tal deve ser evidente. Por isso ele diz que, quando se pergunta “por que”, essas duas coisas devem ser evidentes, a saber, o fato de que é tal, e sua existência, que pertence à questão “Existe?”, por exemplo, quando perguntamos: “Por que a lua sofre um eclipse?” deve ser evidente que a lua sofre um eclipse; pois se isso não fosse evidente, seria inútil investigar por que isso é assim. E pelo mesmo raciocínio, quando se pergunta “O que é o homem?”, deve ser evidente que o homem existe. Mas isso não poderia acontecer se alguém perguntasse por que uma coisa é ela mesma, por exemplo, “Por que o homem é homem?” ou “Por que o músico é músico?”, pois ao saber que um homem é homem, sabe-se por que ele é homem.

1652. Pois, em todos os casos, há uma razão e uma causa que não podem permanecer desconhecidas, assim como outras noções comuns, que são chamadas de concepções comuns do intelecto, não podem permanecer desconhecidas. E a razão é que cada coisa é uma consigo mesma. Portanto, cada coisa é predicada de si mesma.

1653. Ora, poderia ser que alguém quisesse dar outra causa, dizendo que a razão pela qual um homem é homem, e o músico é músico, e assim em outros casos, é que cada coisa é indivisível em

relação a si mesma; e assim não pode ser negada de si mesma a ponto de dizermos que um homem não é homem. Portanto, deve ser afirmada de si mesma. Mas esse argumento não difere do primeiro que apresentamos, a saber, que cada coisa é uma consigo mesma. Pois "isto é o que realmente significa ser uno"; ou seja, sustentamos acima que a unidade significa indivisibilidade. Portanto, é a mesma coisa dizer que cada coisa é uma consigo mesma e que é indivisível em relação a si mesma.

1654. Mas, mesmo supondo que esse argumento diferisse do anterior, isto ainda é uma característica comum a todas as coisas, a saber, que cada coisa é indivisível em relação a si mesma "e é algo pequeno", ou seja, tem a natureza de um princípio, que é pequeno em tamanho e grande em poder. Portanto, não se pode investigar sobre isso como algo desconhecido, tanto quanto sobre outros princípios comuns. Outra tradução diz: "E é como um tom", como se dissesse que está em harmonia com a verdade em todas as coisas. Mas outro texto diz: "E é verdadeiro", e devemos entender por isso "autoevidente". Assim, é óbvio que não pode haver investigação sobre por que uma coisa é ela mesma.

1655. Segue-se, então, que sempre perguntamos por que esta coisa é algo diferente. Portanto, ele esclarece isso a seguir. Ele diz que, se alguém perguntasse: "Por que o homem é tal e tal animal?", é evidente que não está perguntando por que o homem é homem. Assim, fica claro que ele está perguntando por que uma coisa é predicada de algo diferente, e não por que a mesma coisa é predicada de si mesma. Mas quando alguém pergunta por que algo é predicado de algo diferente, o fato de que existe deve ser evidente; "pois se não fosse assim", isto é, se não fosse evidente que existe, "a investigação seria sobre nada"; pois possivelmente se está investigando sobre o que não é. Ou pode ser tomado de outra maneira, referindo-se ao ponto mencionado antes; "pois se não fosse assim", isto é, se alguém não investigasse sobre uma coisa como predicada de outra, mas como predicada de si mesma, a investigação seria sobre nada, como foi mostrado.

1656. Ora, ao perguntar o porquê de algo, às vezes perguntamos sobre a causa tomada como forma na matéria. Por isso, quando perguntamos: "Por que troveja?", a resposta é: "porque o som é produzido nas nuvens"; pois aqui está claro que o que se pergunta é uma coisa sobre outra, pois o som está nas nuvens, ou o trovão no ar.

1657. Mas às vezes perguntamos sobre a causa da forma na matéria, seja a causa eficiente ou a causa final; pois quando perguntamos: "Por que esses materiais (tijolos e pedras) são uma casa?", a questão diz respeito a uma coisa como predicada de outra, a saber, tijolos e pedras de uma casa. Por isso o Filósofo não disse sem qualificação que a questão é "O que é uma casa?", mas "Por que coisas deste tipo são uma casa?". É evidente, então, que essa questão pergunta sobre uma causa.

1658. Ora, a causa que ele tem investigado é a essência, logicamente falando; pois o lógico considera a maneira como os termos são predicados e não a existência de uma coisa. Por isso ele diz que qualquer resposta dada à pergunta "O que é esta coisa?" pertence à quiddidade, seja intrínseca, como matéria e forma, ou extrínseca, como a causa agente e final. Mas o filósofo, que inquire sobre a existência das coisas e sua causa final e eficiente, não as inclui sob a quiddidade, pois são extrínsecas. Se dissermos, então, que uma casa é algo que nos protege do frio e do calor, a quiddidade é significada do ponto de vista da lógica, mas não do ponto de vista do filósofo. Por isso ele diz que a coisa que está sendo investigada como a causa da forma na matéria é a

quididade, logicamente falando. Contudo, segundo a verdade da questão e do ponto de vista da filosofia natural, no caso de algumas coisas (por exemplo, uma casa e uma cama), esta causa é "aquilo para o qual uma coisa existe", ou seja, seu objetivo [ou fim].

1659. Ele extrai exemplos do âmbito das coisas artificiais porque é muito evidente que estas existem para algum objetivo; pois, embora as coisas naturais também existam para algum objetivo, isso foi negado por alguns pensadores. Portanto, quando alguém pergunta por que pedras e madeiras são uma casa, pode-se responder indicando a causa final: para nos proteger do frio e do calor. Mas em certos casos, a coisa sob investigação, como causa da forma na matéria, "é aquilo que primeiro move uma coisa", ou seja, o agente; pois esta também é uma causa, por exemplo, se perguntarmos: "Por que pedras e madeiras são uma casa?", pode-se responder: "por causa da arte de construir".

1660. No entanto, há esta diferença entre a causa eficiente e a causa final: tal causa (a eficiente) é investigada como a causa do processo de geração e corrupção. Mas a outra causa (a final) é investigada não apenas como a causa do processo de geração e corrupção, mas também do ser. A razão para isso é que o agente causa a forma na matéria mudando a matéria para aquela forma, como ocorre no processo de geração e corrupção. E na medida em que o objetivo move o agente através de sua intenção, é também uma causa de geração e corrupção. E na medida em que a coisa é direcionada ao seu objetivo por meio de sua forma, é também uma causa de ser. Portanto, quando se diz que pedras e madeiras são uma casa como resultado da arte de construir, entende-se que a arte de construir é a causa da produção da casa. Mas quando se diz que pedras e madeiras são uma casa para nos proteger do frio e do calor, pode-se entender que a casa foi construída por essa razão e que é útil por essa razão.

1661. Ora, o Filósofo está falando aqui das substâncias naturais. Portanto, sua afirmação aqui deve ser entendida como aplicável apenas a um agente natural, que age por meio do movimento. Pois o agente divino, que comunica o ser sem movimento, é a causa não apenas do vir-a-ser, mas também do ser.

1662. Agora, o objeto (684).

Visto que ele disse acima que quando se pergunta "por que", sempre se inquire sobre algo como predicado de outra coisa, e isso parece de certa forma gerar um problema, portanto, neste lugar ele levanta o problema sobre este ponto e o resolve.

A respeito disso, ele faz três coisas. Primeiro, levanta o problema. Segundo (685:C 1664), ele o resolve ("Mas ao tratar"). Terceiro (686:C 1669), ele extrai um corolário de sua discussão ("Portanto, é evidente").

Ele diz, então, primeiramente (684), que "o objeto de nossa investigação", ou seja, o que é investigado em qualquer investigação que diz respeito a uma coisa como predicada de outra, "é muito obscuro", ou intrigante, "em casos que envolvem coisas não predicadas de outras", ou seja, onde a investigação é sobre algo não predicado de outra coisa, mas sobre uma única coisa; pois quando se pergunta "O que é homem?", isto, digo, é obscuro "porque um único termo é usado", mas "não é dito definitivamente que ele é isto ou aquilo"; ou seja, a causa da dificuldade é que em

tais casos uma única coisa é expressa, como homem, e nessa investigação as coisas às quais pertence ser um homem como partes, ou também o suposto particular, não são expressas.

1663. Mas esta dificuldade não parece ter relação com o ponto em questão; pois o Filósofo falou acima sobre a questão "Por que algo é tal?" e não "O que é?", e esta dificuldade diz respeito à questão "O que é?". Mas é preciso dizer que as perguntas "O que é?" e "Por que é?" incidem sobre o mesmo ponto, como foi afirmado (C 1651). Portanto, a pergunta "O que é?" pode ser transformada na pergunta "Por que é tal?", pois a pergunta "O que é?" indaga sobre a quiddidade em virtude da qual aquela coisa sobre a qual se faz esta pergunta é predicada de qualquer um de seus próprios sujeitos e é própria de suas partes; pois Sócrates é homem porque a resposta à pergunta "O que é homem?" é pertinente a ele. E por esta razão, carne e ossos são homem, porque a natureza do homem está contida nesta carne e nestes ossos. Logo, é a mesma coisa perguntar "O que é homem?" e "Por que isto (Sócrates) é um homem?" ou "Por que estas coisas (carne e ossos) são um homem?". E isto é o mesmo que a pergunta levantada acima: "Por que pedras e madeiras são uma casa?". Portanto, ele também diz aqui que isso causa uma dificuldade, porque nesta investigação isto e aquilo não são acrescentados; pois se fossem acrescentados, seria evidente que a resposta à pergunta que indaga sobre a quiddidade do homem e às outras perguntas de que falou acima seria a mesma.

1664. Mas ao tratar (685).

Agora ele resolve o problema anterior. Diz que, para eliminar o problema relativo à pergunta anterior, "devem ser feitas correções", ou seja, é necessário corrigir a pergunta dada, de modo que, no lugar da pergunta "O que é homem?", substituamos pela pergunta "Por que Sócrates é um homem?" ou "Por que carne e ossos são um homem?". E se esta pergunta não for corrigida, a consequência absurda será que perguntar algo e perguntar nada terão algo em comum. Pois foi dito acima que perguntar algo sobre uma coisa em termos dela mesma não é fazer investigação alguma; mas perguntar algo sobre outra coisa é perguntar sobre algo. Portanto, uma vez que a pergunta "por que" (na qual perguntamos algo sobre outra coisa) e a pergunta "o que" (na qual não parecemos perguntar algo sobre outra coisa) têm algo em comum, a menos que sejam corrigidas da maneira mencionada acima, segue-se que uma pergunta que não pergunta nada e uma pergunta que pergunta algo têm algo em comum.

1665. Ou, para colocar de outra forma — se esta pergunta não for corrigida, segue-se que aqueles casos em que nenhuma pergunta é feita e aqueles em que uma pergunta é feita têm algo em comum. Pois quando se pergunta sobre aquilo que é, algo é perguntado, mas quando se pergunta sobre aquilo que não é, nada é perguntado. Portanto, se ao perguntar o que uma coisa é não precisamos assumir nada e perguntar nada mais sobre ela, esta pergunta se aplica tanto ao ser quanto ao não-ser. Assim, a pergunta "O que é?" se aplicaria em comum tanto a algo quanto a nada.

1666. Mas, uma vez que na pergunta "O que é homem?" é necessário conhecer a verdade do fato de que o homem existe (caso contrário, não haveria pergunta), como quando perguntamos por que há um eclipse, devemos saber que existe um eclipse, é evidente que quem pergunta o que é o homem pergunta por que ele é. Pois para que se possa perguntar o que uma coisa é, a existência da coisa deve ser pressuposta, porque é assumida pela pergunta "por que". Assim, quando

perguntamos "O que é uma casa?", seria o mesmo que perguntar "Por que estes materiais (pedras e madeiras) são uma casa?" por causa destes, i.e., "porque as partes de uma casa constituem o ser de uma casa", ou seja, a quididade de uma casa está presente nas partes de uma casa.

1667. Pois foi dito acima que, em tais casos, a pergunta "por que" às vezes pergunta sobre a forma, às vezes sobre o agente e às vezes sobre o fim de uma coisa. E, similarmente, quando perguntamos o que é o homem, é o mesmo que perguntar "Por que isto (Sócrates) é um homem?" porque a quididade do homem lhe pertence. Ou também seria o mesmo que perguntar "Por que um corpo, que está disposto desta maneira (organicamente), é um homem?" Pois esta é a matéria do homem, assim como pedras e tijolos são a matéria de uma casa.

1668. Portanto, em tais perguntas, é evidente que estamos perguntando sobre "a causa da matéria", i.e., por que ela é feita para ser desta natureza. Ora, a coisa sob investigação que é a causa da matéria é "o princípio especificador", a saber, a forma pela qual algo é. E isto "é a substância", i.e., a própria substância no sentido da quididade. Assim, segue-se que sua tese foi provada, i.e., que a substância é um princípio e uma causa.

1669. Portanto, é (686).

Ele então tira um corolário de suas discussões. Diz que, uma vez que em todas as perguntas se pergunta sobre algo como predicado de outra coisa, como a causa da matéria, que é a causa formal, ou a causa da forma na matéria, como a causa final e agente, é evidente que não há investigação sobre substâncias simples, que não são compostas de matéria e forma. Pois, como foi afirmado, em toda investigação deve haver algo que é conhecido e alguma investigação sobre algo que não conhecemos. Ora, tais substâncias são ou totalmente conhecidas ou totalmente desconhecidas, como é afirmado no Livro IX (810:C 1905). Portanto, não há investigação sobre elas.

1670. E por esta razão também não pode haver qualquer ensinamento sobre elas, como há nas ciências especulativas. Pois o ensino produz ciência, e a ciência surge em nós pelo conhecimento de por que uma coisa é; pois o termo médio de um silogismo demonstrativo, que causa a ciência, é por que uma coisa é assim.

1671. Mas, para que o estudo de tais substâncias não pareça estranho à filosofia da natureza, ele acrescenta que o método de investigar tais coisas é diferente; pois chegamos a uma compreensão destas substâncias apenas a partir das substâncias sensíveis, das quais estas substâncias simples são, de certa forma, a causa. Portanto, utilizamos as substâncias sensíveis como conhecidas e, por meio delas, investigamos as substâncias simples, assim como o Filósofo investiga abaixo (Livro XII) as substâncias imateriais, que causam movimento, por meio do movimento. Portanto, em nosso ensino e investigações sobre elas, usamos os efeitos como termo médio em nossas investigações sobre substâncias simples cujas quididades não conhecemos. E também é evidente que as substâncias simples estão relacionadas às sensíveis no processo de ensino assim como a forma e outras causas estão relacionadas à matéria; pois assim como investigamos a forma das substâncias sensíveis e seu fim e suas causas eficientes como as causas da matéria, de modo semelhante investigamos as substâncias simples como as causas das substâncias materiais.

1672. Agora, uma vez que o que (687).

Aqui ele mostra que tipo de causa e princípio é a substância quando tomada como a quiddidade de uma coisa; e quanto a isso, faz três coisas. Primeiro, ele preambula uma certa distinção necessária para a prova de sua tese. Segundo (688:C 1675), levanta uma dificuldade ("Portanto, se algo"). Terceiro (689:C 1678), resolve-a ("Agora pareceria").

Quanto ao primeiro (687), ele distingue um tipo de composição de vários outros; pois às vezes a composição envolve muitas coisas de tal modo que o todo é uma coisa composta de muitas, como uma casa é composta de suas partes e um composto é composto de elementos. Mas às vezes um composto resulta de muitas coisas de tal modo que o todo composto não é uma coisa em sentido absoluto, mas apenas em sentido qualificado, como é claro no caso de um monte ou pilha de pedras quando as partes são atuais, não sendo contínuas. Portanto, é muitas coisas em sentido absoluto, mas é uma apenas em sentido qualificado, na medida em que muitas coisas são agrupadas em um lugar.

1673. Ora, é característico da noção deste tipo de diversidade que o composto às vezes derive sua espécie de uma única coisa, que é a forma (como em um composto) ou a combinação (como em uma casa) ou a disposição (como em uma sílaba ou em um número). E então o composto todo deve ser um sem qualificação. Mas às vezes o composto deriva sua espécie da própria multidão de partes coletadas, como em um monte de coisas e um grupo de pessoas e assim por diante; e em tais casos, o composto todo não é uma unidade em sentido absoluto, mas apenas com qualificação.

1674. Por isso, o Filósofo diz que, uma vez que um tipo de composto é constituído de algo "como um todo" — isto é, o todo é uno — e não do modo como um monte de pedras é uno, mas como uma sílaba é una (sem qualificação), em todos esses casos o composto não deve ser idêntico aos seus componentes, assim como uma sílaba não é suas letras; pois esta sílaba *ba* não é o mesmo que estas duas letras *b* e *a*, nem a carne é o mesmo que fogo e terra. Ele prova isso da seguinte forma: "Quando estes são dissociados", isto é, quando as coisas das quais o composto é feito são separadas umas das outras, "isto" — o todo — não permanece após sua dissolução. Pois quando os elementos foram realmente separados, a carne não permanece; e quando suas letras foram separadas, a sílaba não permanece. "Mas os elementos", isto é, as letras, permanecem após a dissolução da sílaba, e o fogo e a terra permanecem após a dissolução da carne. Portanto, a sílaba é algo além de seus elementos, e não é apenas seus elementos, que são vogais e consoantes, mas há também algo mais pelo qual uma sílaba é uma sílaba. E de modo semelhante, a carne não é meramente fogo e terra, ou o quente e o frio, pelo poder dos quais os elementos são misturados, mas há também algo mais pelo qual a carne é carne.

1675. Portanto, se algo (688).

Ele levanta um problema relacionado à sua tese principal; pois foi mostrado que há algo mais na carne e na sílaba além de seus elementos; pois parece que tudo o que existe é ou um elemento ou composto de elementos. Se, então, é necessário que esse algo adicional presente na carne e na sílaba além de seus elementos seja ou um elemento ou composto de elementos, resulta esse absurdo.

1676. Pois, se isso é um elemento, o mesmo argumento se aplicará novamente tanto a este quanto aos outros elementos, porque ele terá que ser contado com os outros. Pois a carne será composta tanto desta coisa, que dissemos ser algo além dos elementos, e que agora afirmamos ser um elemento, quanto de fogo e terra. E como já foi provado que em todo composto que é uno deve haver algo além de seus elementos, a mesma questão se aplicará então a este algo mais, porque, se é um elemento, a carne será novamente composta tanto do outro elemento original quanto dos elementos, e então de algo mais. Assim, dessa forma, haverá um regresso infinito; mas isso é absurdo.

1677. Portanto, se esse algo mais, quando encontrado, não é um elemento mas é composto de elementos, é evidente que não é composto de um único elemento, mas de muitos; porque, se não fosse composto de muitos, mas de apenas um, seguir-se-ia que esse elemento seria o mesmo que o todo; pois o que é composto apenas de água é verdadeiramente água. Portanto, se é composto de muitos elementos, o mesmo argumento se aplicará novamente a esta coisa como se aplica à carne e à sílaba, porque ela conterá algo mais além dos elementos dos quais é composta. E a mesma questão se aplicará novamente a isso. Assim, mais uma vez, haverá um regresso infinito.

1678. Agora pareceria (689).

Então ele resolve o problema que levantou; e quanto a isso, faz duas coisas. Primeiro, resolve-o com referência ao modo como aparece inicialmente. Segundo (690:C 1679), corrige essa solução e dá a verdadeira ("E como algumas coisas").

Ele diz, então, primeiro (689), que a coisa que está presente nos compostos além de seus elementos pareceria, à primeira vista, não ser algo composto de elementos, mas ser um elemento e causa do ser da carne e da sílaba e, de modo semelhante, de outras coisas. Além disso, pareceria que é a substância de cada um deles no sentido de sua quiddidade; pois substância no sentido de quiddidade é a primeira causa do ser.

1679. E como certas coisas (690).

Ele agora corrige a solução acima de duas maneiras: primeiro, na medida em que havia dito que esse algo mais presente nas coisas compostas além de seus elementos é a substância de cada uma; pois isso é verdadeiro para as coisas que são substâncias, mas não para as que não são substâncias, já que a forma de uma sílaba não é uma substância; segundo, na medida em que havia dito que essa mesma coisa é um elemento e uma causa do ser; pois não pode ser chamada de elemento, mas de princípio, porque elementos pertencem à causa material de uma coisa.

1680. Ele diz, portanto, que, uma vez que algumas coisas não são substâncias, como é especialmente o caso das coisas artificiais, mas apenas aquelas que são "segundo a natureza", com referência ao ser, "e são constituídas tais pela natureza", com referência ao devir, são verdadeiras substâncias, ficará claro que essa natureza que investigamos é substância "em alguns casos", isto é, no dos seres naturais, e não em todos. E também ficará claro que essa natureza não é um elemento, mas um princípio formal; pois aquilo é chamado de elemento no qual algo é dividido e que é "intrínseco" como matéria; por exemplo, os elementos da sílaba *ba* são *b* e *a*. Portanto, já que o princípio em questão não é um princípio material, mas formal, não será um elemento. E assim fica evidente ao mesmo tempo tanto que tipo de princípio a substância é quanto

que ela não é nem um elemento nem composta de elementos. O problema anterior é resolvido dessa maneira.

Revision #2

Created 16 September 2026 22:23:20 by Admin

Updated 16 September 2026 22:33:59 by Admin